

A Amazônia “nossa” de cada dia no jornalismo de televisão

Vânia Maria Torres Costa

Universidade Federal do Pará, Faculdade de Comunicação, Belém, PA, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0493-8763>

Resumo

Este trabalho propõe como recorte analítico a construção jornalística sobre a Amazônia, enquanto espaço geográfico e político inserido no território brasileiro. A partir do conceito de “acontecimentos discursivos”, em Michel Foucault, buscamos caminhos para a análise do audiovisual televisivo, que nos mostra como a “região” é enunciada enquanto produção de sentido. Interessa-nos observar em que discursos e contextos é recortada, selecionada e exibida em rede nacional, a partir do Sudeste do país, o *locus* centralizador da produção televisiva brasileira. O *corpus* de análise são séries especiais de reportagens do telejornalismo da Rede Globo, de 2006 a 2016, a última década. Por meio dos caminhos da polinarrativa, que propomos como observação do audiovisual, observamos imagem em movimento, texto e som em modos de falar sobre a região como propriedade nacional, quando se vislumbra a Amazônia como questão que diz respeito à soberania do país. Os textos apresentam a região como objeto da colonialidade do discurso nacional, que privilegia um certo olhar em direção à periferia, como terra, ao mesmo tempo exótica e fracassada, que deve ser apropriada material e simbolicamente pelo centro político, econômico e cultural da nação, representado como apto a “ampará-la” em suas fragilidades.

Palavras-chave

Amazônia. Jornalismo. Televisão. Discurso. Região.

1 Introdução

Refletir sobre a imagem de uma região significa adentrar no campo das representações e divisões internas de uma nação, tanto espaciais como políticas e culturais. Ao problematizar produções de sentido ofertadas pela Rede Globo, observamos textos que explicitamente têm como lugar de fala o Sudeste do Brasil – leia-se Rio e São Paulo, de onde se constrói uma determinada ideia de Amazônia.

Os significados produzidos vão nos dizer como o campo jornalístico tece a floresta enquanto fronteira, no sentido de Berta Becker (1998), como espaço social e político gerador de realidades novas. Os assuntos que, supostamente, provocam maior identificação com o público são selecionados diariamente pelo jornalista, que narra o mundo a partir de um centro produtor de informações.

Tomamos também como base as discussões de Berta Becker (1998) sobre o papel diferenciado com que o termo “região” é proposto para a Amazônia com relação às outras regiões e as discussões de Roberto Lobato Corrêa (2003) sobre a região utilizada para fins de ação e controle. Discutimos, a partir do “colonialismo” em Aníbal Quijano (2005), como a Amazônia aparece sob um certo discurso de propriedade sobre a região, vista como “nossa” na tela da TV. Tal constatação nos instiga a observar os modos como determinados discursos historicamente vêm sendo reiterados, tais como o da Amazônia enquanto terra de “fracassados” e de riquezas a serem “guardadas” para a nação, terra cujas populações locais são tomadas como sem vozes e sem condições de domínio político e econômico.

O *corpus* de análise selecionado são séries de reportagens especiais do telejornalismo da Rede Globo, de 2006 a 2016¹, que tomam a fronteira amazônica como foco e nas quais predomina um olhar sobre a floresta como patrimônio ambiental e econômico do Brasil e do mundo. Observamos como a televisão enquanto imagem em movimento produz um efeito de realidade ao associar imagem, texto e som, o que chamamos de “polinarrativa”² da atualidade. Desde o olhar sobre os nomes dados às séries, tais como *Brasil invisível*, *Amazônia urbana* ou *Amazônia S/A*, trata-se de problematizar como o jornalismo televisivo, em diálogos propostos com a audiência nacional, convoca o telespectador a assistir a suas reportagens por meio de enunciados que definem o que é considerado mais atraente em cada material exibido.

Para a análise do audiovisual televisivo, temos dialogado com vários teóricos que nos ajudam a perceber as especificidades dessa linguagem. Martine Joly (2001) nos ajuda a pensar as imagens por si mesmas, com atenção, desprezando em um primeiro momento as interpretações que sugerem. A essa proposta somamos os caminhos propostos por

¹ Neste trabalho, lançamos o olhar sobre as seguintes séries: *Desejos do Brasil* (de 2006 – Jornal Nacional); *Terra do meio* (de 2007 – Bom Dia Brasil); *Raposa Serra do Sol* (de 2008 – Jornal da Globo); *Amazônia* (de 2010 – Jornal Nacional); *Amazônia S/A* (de 2015 – Fantástico).

² “As imagens e os sons, após editados e ofertados em uma sequência narrativa, são recortes do mundo encenado, produzidos para aparecer na televisão e aparecer bem, no sentido de se tornar atraente e factível. A montagem, tal qual no cinema, é consequência de escolhas de imagens (‘reais’) em movimento, associadas a sons, textualidades e visualidades que se complementam como produção de sentido, mas que se ofertam enquanto discursos únicos, indissociáveis nos acontecimentos que ocultam as múltiplas performances da polinarrativa.” (COSTA, V.; COSTA, A.; AMORIM, 2017, p. 275).

Diana Rose (2008), tomando cada *take* (tomada) como uma unidade de análise. Desse modo, observamos a edição, a sonorização, os recursos gráficos, os enquadramentos, a composição das cenas, o que está próximo e o que está distante e, por fim, a iluminação. Roland Barthes (1984, 1990) chama a atenção para a complementaridade entre texto e imagem ao analisar a fotografia, o que nos permitiu levar essa questão para o audiovisual.

Seguimos também a sugestão prática de Benetti (2008) de análise de discurso por meio do mapeamento de vozes e da identificação de sentidos, buscando distinguir no texto verbal as relações entre autor e leitor e seus contextos históricos, sociais e culturais. Operacionalmente, dividimos o texto dos telejornais em duas camadas: discursiva e ideológica (COSTA, 2015). Todas as reportagens mencionadas foram transcritas, para que pudéssemos identificar as Sequências Discursivas – (SDs) – de cada série televisiva, não só registrando em tabela os textos de repórteres, comentaristas ou apresentadores, mas passando à descrição, a cada tomada, de imagens e sons, seguindo as orientações de Rose (2008) e Joly (2001).

Partindo das sequências discursivas e observando suas regularidades, presenças e ausências, chegamos à “Formação Discursiva” (FD), enquanto formação ideológica geradora de um núcleo de sentidos que atravessa os textos, os quais detalharemos com exemplos ao longo da análise.

Tomamos alguns trechos das séries escolhidas para problematizar como essas narrativas instauram a Amazônia como patrimônio nacional. Neste artigo, não observamos, especificamente, como os sujeitos são representados ou como o telejornalismo os constrói, o que já apresentamos em outros trabalhos. Aqui, limitamo-nos à região e a seus recortes no texto televisivo como práticas de linguagem que buscam diálogos e reconhecimentos junto aos telespectadores. A que discursos e disputas esse lugar, que ocupa mais da metade do território brasileiro, é associado? Como terra, floresta e recursos surgem como “acontecimentos discursivos” ofertados pelas narrativas televisivas?

Tratamos de observar as “condições de existência” de determinados discursos a partir das proposições de Michel Foucault (2012), como práticas concretas e históricas que estão vivas nos textos. O “acontecimento discursivo”, para Foucault (2012), deve ser observado no “jogo de sua instância”, como recurso para a busca de unidades que se formam: “Fazer aparecer, em sua pureza, o espaço em que se desenvolvem os acontecimentos discursivos não é tentar restabelecê-lo em um isolamento que nada poderia superar; não é fechá-lo em

si mesmo; é tornar-se livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relações.” (FOUCAULT, 2012, p. 35).

As narrativas televisivas nos permitem, desse modo, observar esses jogos de relações que irrompem no Sudeste do Brasil como produção de sentido sobre a Amazônia enquanto região e fronteira, como território desconhecido para o Brasil televisivo construído em rede nacional. Ao lançarmos um olhar sobre esses acontecimentos em conjunto, por meio das séries selecionadas, teremos as formações discursivas, enquanto regularidades que silenciam e apagam tantas outras.

2 O jornalista, a nação e a televisão

Nos noticiários nacionais, o jornalista tem a missão de ofertar ao Brasil sentidos sobre as diversas regiões do país. Em busca de histórias para contar, ele é um mediador entre o mundo real e o mundo do leitor, criando narrativas atraentes para manter a audiência conectada. Quando se trata de textos que circulam em rede nacional de TV, como os que trazemos aqui, temos uma materialidade importante, do ponto de vista acadêmico-reflexivo, para problematizar lugares específicos ressignificados em tempos e espaços outros, presentificados pelas representações midiáticas.

Em primeiro lugar, essa relação tem como contexto uma divisão hierárquica nacional pautada pelas condições dos veículos de comunicação de massa, cujas “[...] mensagens são produzidas por um grupo de indivíduos e transmitidas para outros situados em circunstâncias espaciais e temporais muito diferentes das encontradas no contexto original de produção.” (THOMPSON, 2002, p. 31). Essa interação, no caso da Amazônia, traz espacialidades completamente distintas.

O texto jornalístico produzido em rede nacional de TV emana de um centro produtor – a região Sudeste, que diariamente atualiza e abastece o Brasil com o que aconteceu de mais importante naquele dia, à luz dos critérios jornalísticos de noticiabilidade. Após a captura de entrevistas e imagens, o repórter retorna para a base, onde texto e imagem serão montados (editados) e inseridos em um formato específico, a partir de uma grade de programação.

O jornalista dialoga com um telespectador ideal a partir de um centro irradiador de informações. Ao organizar a experiência e produzir sentidos de maneira tão específica, o

noticiário torna-se “mitologia”: uma produção simbólica ritualizada, tal qual a religião, a ciência e a arte, que procuram dar sentidos a um mundo frágil e contraditório.

As narrativas, enquanto textos inseridos em tempos e espaços demarcados historicamente, tecem as experiências como acontecimentos produzidos para serem exibidos na televisão. Assim como a nação é uma criação cultural e histórica (ANDERSON, 2008), as regiões e as fronteiras também o são. Essas separações hierárquicas constituem na prática um Brasil historicamente repartido, reafirmado pelos dispositivos midiáticos. Aí se tem o que Thompson (2002, p. 38) está chamando de “historicidade mediada”: “[...] nosso sentido do passado e de como ele nos alcança se torna cada vez mais dependente da expansão crescente de um reservatório de formas simbólicas mediadas.”.

Quando se trata, então, de produções audiovisuais, como a televisão, temos especificidades relevantes. Arlindo Machado (2000, p. 33) nos diz que temos que pensar não só com as imagens, “[...] mas também com as palavras e os sons, pois o discurso das imagens não é exclusivista, e sim integrador e multimídia.”. O desafio de refletir sobre a oferta televisiva repousa exatamente nessa condição em que o texto é construído em um formato único, enquanto imagem ancorada no real e captada dele, tal como a vida em movimento, o que dificulta seu desvelar enquanto representação, enquanto discurso construído no contexto de uma nação.

Acreditamos que o audiovisual se faz enquanto “polinarrativa”, em que texto, imagem e som são tecnicamente montados para gerar efeitos de sentido, que dialogam com a audiência, com o “telespectador médio”, abstratamente produzido em consequência de condições reais e historicamente geradas no contexto de uma nação. É nesse viés de reflexão que propomos observar as tessituras televisivas enquanto narrativas complexas, que apresentam o “real” em movimento tal qual ele supostamente surge diante dos nossos olhos. São “[...] discursos que se interpenetram e se complementam nessa narrativa, entre eles: os textos em caracteres, a narração em *off*, a trilha sonora, o cenário, as imagens em movimento, os apresentadores, os entrevistados, a voz e a visualidade.” (COSTA, V.; COSTA, A.; AMORIM, 2017, p. 275).

3 A Amazônia entre colonização e colonialidades

Amazônia e Região Norte são duas divisões diferentes do ponto de vista geopolítico, levando-se em conta que este último é um termo complexo, atravessado por “[...] interesses

nos quais nem se pode distinguir, quando seu conteúdo é reconhecidamente de natureza científica, como ramo da Antropogeografia das nações, ou predominantemente orientado por critérios de conveniência, em geral ditado pelo imperialismo internacional.” (RIBEIRO, 2005, p. 37). O termo Amazônia, historicamente, refere-se à cobertura vegetal da floresta tropical e à maior bacia hidrográfica do mundo, capitaneada pelo Rio Amazonas, enfim, ao bioma³ amazônico.

Mas dada a extensão gigantesca da floresta, suas riquezas e sua importância para o planeta, as diversas nomeações da região são de uma complexidade histórica que envolve disputas materiais e discursivas em uma “irrupção de acontecimentos”, tal qual Foucault (2012, p. 31) sugere, como discurso “[...] repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros.”. O nome Amazônia torna-se uma das marcas mais fortes do mundo na atualidade. Amaral Filho (2016) afirma que o conjunto desenvolvimento sustentável/biodiversidade vem justificando a utilização da Amazônia como estratégias para o marketing:

[...] o enunciado Amazônia tende a equiparar-se a uma marca qualquer, a um produto simbólico que dá passagem às mesmas estratégias de venda de produtos e/ou conceitos usando como diferencial o *desenvolvimento sustentável* e a *responsabilidade social* como estratégia de marketing”. (AMARAL FILHO, 2016, p. 229, grifo nosso).

A Região Norte é composta por sete estados da Federação e está contida na chamada Amazônia Legal, que é muito maior. Esta é constituída pelos estados da Região Norte e mais Mato Grosso e parte do Maranhão. “O Brasil possui 63,4% da Amazônia sul-americana e a Amazônia Brasileira corresponde a mais da metade do território nacional. [...] ela não se confunde com a região Norte, que é uma divisão político-administrativa para fins censitários.” (BECKER, 1998, p. 9).

Pensar em região, além de pensar em divisão, é pensar em relações de poder, em dominantes e dominados. Roberto Lobato Corrêa nos diz que o conceito de região vem sendo utilizado para fins de ação e controle. “Utilizam-se o conceito de diferenciação de área e as subsequentes divisões regionais, visando ação e controle sobre territórios militarmente

³ Segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –, “bioma é um conjunto de vida vegetal e animal, constituído pelo agrupamento de tipos de vegetação que são próximos e que podem ser identificados em nível regional, com condições de geologia e climas semelhantes e que, historicamente, sofreram os mesmos processos de formação da paisagem, resultando em uma diversidade de flora e fauna própria”. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Biomas brasileiros. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/territorio/18307-biomas-brasileiros.html>. Acesso em 19 ago. 2020.

conquistados ou sob a dependência político-administrativa e econômica de uma classe dominante.” (CORRÊA, 2003, p. 47). Assim, surge o conceito de Amazônia Legal a partir de 1953, que é consolidado na década de 1970, no governo militar, com a Doutrina de Segurança Nacional.

A Amazônia vem se constituindo enquanto fronteira, para Becker (1998), devido ao ritmo acelerado de suas transformações, com inovações diferenciadas das do restante do território nacional. “Seu valor econômico e estratégico é transparente na tese da sua internacionalização que surge ciclicamente com diferentes projetos.” (BECKER, 1998, p. 9). Na fronteira as contradições se acirram. A luta pela terra e por riquezas expõe as dicotomias entre os grandes projetos que se instalam na região com a força do capitalismo selvagem e os pequenos produtores, que vivem do trabalho sobre a terra. Fronteira é um espaço social e político ainda não totalmente estruturado e, conseqüentemente, para Becker (1998), gerador de novas realidades.

O texto televisivo, enquanto “acontecimento discursivo” (FOUCAULT, 2012), torna-se consequência de uma prática social e cultural, que emoldura e enquadra as regiões, a partir de seus discursos hegemônicos. No caso do Brasil, temos a centralidade da cultura europeia, letrada, ocidental como saber canônico que reduz os saberes das populações locais, historicamente escravizadas, como negros e índios. O colonialismo, enquanto poder ainda vigente que subalterniza as populações resultantes de diásporas, tem como característica a negação do saber do “outro”, visto como estranho e reduzido em uma escala ideal de evolução.

O colonizado torna-se “o outro da razão”, segundo Castro-Gómez (2007)⁴, e sua invenção está condicionada aos dispositivos de saber e poder que orientam as representações. Por isso, a “colonialidade do poder” e a “colonialidade do saber” encontram-se em uma mesma matriz genética, para o pesquisador. Os processos de exclusão se disseminam legitimando conceitos binários, como barbárie/civilização, tradição/modernidade, comunidade/sociedade.

Em nome de uma unidade nacional, o discurso hegemônico brasileiro vê as especificidades regionais como dissonantes de uma herança nacional dada. É quase como se

⁴ CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *Ciencias sociales, violencia epistémica y el problema de la “invención del otro”*. Disponível em <http://www.clacso.org/wwwclacso/espanol/html/libros/lander/7.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2007.

fossem dois países, como ressalta o historiador Márcio Souza (2001)⁵. São heranças da perspectiva eurocêntrica, que distorce, quando não bloqueia, a percepção de nossa experiência histórico-social. Aníbal Quijano (2005) reforça o argumento dizendo que a colonialidade do poder faz da América Latina um cenário de des/encontros entre nossa experiência, nosso conhecimento e nossa memória histórica.

A colonialidade, enquanto discurso que instaura a herança portuguesa como civilização e modernidade, aparece como discurso frequente nas reportagens analisadas, quando observamos os modos como a memória colonial é exaltada pelos repórteres Pedro Bial (em *Desejos do Brasil*) e Alberto Gaspar (em *Amazônia urbana*⁶). Este chega a considerar Belém mais amazônica: “Belém, com sua arquitetura colonial, é mais amazônica. Se alimenta com seus sabores e sua história... uma cidade profundamente fluvial, amazônica, com a floresta e a história muito próximas e bem cuidadas. Bom lugar pra se pensar o futuro da região”. A associação do rio (“profundamente fluvial”) com a floresta, seus sabores e as marcas da presença portuguesa conferem a Belém a condição de “mais amazônica”. Nesse trecho da reportagem, uma das imagens em destaque é a da Praça da República (Figura 1), centro de Belém, realçando suas árvores em dia tranquilo, mostrando um túnel de mangueiras.

Figura 1 – Praça da República- Belém-PA



Fonte: Série *Amazônia urbana*, Jornal Nacional (20/07/2010). Gravada pela própria autora.

⁵ SOUZA, Márcio. *A literatura na Amazônia: as letras na pátria dos mitos*. Disponível em <http://www.marciosouza.com.br/interna.php?nomeArquivo=vida>. Acesso em: 26 mai. 2008.

⁶ A série *Amazônia urbana* foi exibida entre os dias 19 e 23 de julho de 2010 no Jornal Nacional. Foram cinco reportagens produzidas pelos repórteres Alberto Gaspar e Laercio Domingues. O material foi gravado pela própria autora a partir da exibição ao vivo nos referidos dias.

A relação entre floresta e memória também aparece em Pedro Bial (JORNAL NACIONAL, 2007): “Com todo respeito a Paris, posto de civilização, posto da civilização avançado é Belém do Pará, portão da floresta amazônica.”. Aqui, é interessante observar que o cenário escolhido para apresentar Belém foi a parte antiga da cidade. Bial em primeiro plano e, ao fundo, um exemplar da arquitetura portuguesa, cenário escolhido para mostrar a “civilização” (Figura 2). O mesmo acontece com relação à capital amazonense. Bial exalta “Manaus e seus tesouros... O teatro Amazonas, a arquitetura da alfândega, do palácio da Justiça, a catedral...”.

Figura 2 – Pedro Bial em Belém



Fonte: Jornal Nacional, 2007. DVD 2

A entrevista com o filósofo Benedito Nunes é utilizada para permitir ao repórter fazer um passeio pela Belém “civilizada”. Enquanto o filósofo vai citando seus lugares preferidos, as imagens são mostradas. Os lugares que pontua são os da cultura erudita, como o Teatro da Paz, e a capital paraense aparece relacionada à preservação da memória colonial, da cultura europeia e da floresta. O cenário da entrevista é a casa de “Bené”, percorrida com câmera subjetiva até chegar a uma sala lotada de livros, onde o filósofo está sentado. O repórter diz: “lido e cultuado internacionalmente, Bené, como chamam os amigos, poderia ter vivido em qualquer grande capital do mundo. Ficou por aqui.”. E acrescenta como quem mostra realmente algo extraordinário: “Exemplo de intelectual que, longe dos grandes centros, se mantém atualizado e mesmo à frente do seu tempo.”.

O comandante da Caravana JN vai tecendo a cidade a partir das falas recortadas do filósofo que são entremeadas com as suas. Vale a pena ver como isso se dá no texto (Quadro1), no qual a primeira e a segunda colunas trazem exemplos de como aparecem os textos do repórter, seguidos pelos depoimentos do filósofo. Na terceira coluna, as imagens que cobrem os respectivos textos são descritas.

Quadro 1 – Entrevista com o filósofo Benedito Nunes

Repórter Pedro Bial	Filósofo Benedito Nunes	Imagens
Graças à opulência do ciclo da borracha...	Belém foi sempre uma cidade muito... é... com... com jeito de metrópole.	Imagem do porto antigo de Belém. Guindastes da Estação das Docas.//Plano Geral da Praça do Relógio. Imagem de baixo para cima. // Estátua da Praça da República entre dois prédios.
Até hoje no Teatro da Paz...	Nunca vi espetáculo que desse mais gente do que ópera.	Fachada do Teatro da Paz. Em primeiro plano com destaque às pedras portuguesas da calçada da Praça da República. Câmera sobe e mostra fachada completa.
Para suas caminhadas Benedito gosta do Bosque Rodrigues Alves – o Jardim Botânico amazônico.	Aí sim tem um clima florestal, de certo modo conservado.	Geral do Bosque — interna – panorâmica mostra ponte de pedra sobre o rio e cabana e árvores ao fundo// <i>close</i> em macaco de cheiro// arquitetura antiga do Bosque mostra identificação: “Bosque Rodrigues Alves – Jardim Botânico da Amazônia”.// <i>Close</i> de peixe-boi comendo mato na superfície da água.

Fonte: Elaborado pela autora com base na reportagem.

Bial extrai da fala do entrevistado aquilo que permite mostrar a cidade ao Brasil: a importância do ciclo da borracha e da arquitetura colonial portuguesa, que deixaram a cidade com jeito de metrópole – marcas da civilização –, e a floresta em equilíbrio com o passado. Ao compor o texto junto com o filósofo, o repórter deixa claras suas impressões sobre Belém. “A linguagem citada tem por função comprovar o discurso: como referencial, introduz nele um efeito de real; e por seu esgotamento remete, discretamente, a um lugar de autoridade [...] Ela produz credibilidade.” (CERTEAU, 2010, p. 101).

Seguindo a reflexão de Michel de Certeau (2010), temos a autoridade do filósofo e do jornalista, que “juntos” constroem o texto. Bial reúne a condição de intelectual do entrevistado com sua relação de pertença a Belém. Bené torna-se autoridade duas vezes, pelo saber reconhecido cientificamente que produz e por ser uma voz autorizada a falar

sobre sua cidade. A credibilidade da “parceria” entre autor e entrevistado valida o texto com um efeito de real.

Em três das séries analisadas – *Caravana JN*, *Raposa Serra do Sol* e *Amazônia urbana* –, percebe-se a mesma visão colonialista da Amazônia que reforça o discurso fundador (ORLANDI, 1993) construído quando da criação da nação brasileira. Em *Amazônia urbana*, Alberto Gaspar diz que “os primeiros a enfrentar essas poderosas regras da natureza foram os portugueses”. As condições adversas da floresta são relacionadas ao colonizador como primeiro habitante do lugar. As populações indígenas são completamente apagadas do discurso jornalístico.

A construção narrativa é ocidentalista e eurocêntrica. As populações indígenas e os conflitos havidos quando da chegada dos portugueses são a face obscura dessa forma de recontar a região. A história trazida ao presente reconstitui as mudanças como projetos pacíficos que tornam os índios os responsáveis pelas escolhas que os fizeram alterar suas culturas e modos de vida; ela apaga as populações indígenas que tiveram de ir recuando no território enquanto as cidades seguiam ocupando a margem dos rios e os expulsando. O repórter Alberto Gaspar, em *Amazônia urbana*, chega a falar em “a aventura da colonização nessa região que concentra 25 milhões de pessoas”. E a “aventura” se deu, segundo o repórter, “primeiro para ocupar e depois para explorar comercialmente a colônia. A urbanização foi seguindo os rios Amazônia adentro”. Como se exploração não fosse prioridade do projeto colonial.

Os índios são silenciados e reduzidos na relação da terra com o território quando não se problematiza o pertencimento deles à floresta muito antes de os portugueses chegarem. “Não é muita terra pra pouco índio?”, pergunta o repórter a um indígena na Raposa Serra do Sol⁷. O presente apaga o passado para robustecer o sentimento de nacionalidade, naturalizando o passado (recente) por meio de uma seleção consciente. Assim criou-se e cristalizou-se na memória nacional uma identificação total com os portugueses e um estranhamento absoluto com relação aos índios.

⁷ O Jornal da Globo exibiu uma série especial sobre o caso Raposa Serra do Sol. Foram três reportagens longas com os repórteres Carlos de Lanoy e Mário Reis. O material gravado na própria reserva Raposa Serra do Sol mostra as dimensões do conflito entre índios e arroteiros e tenta fazer um mergulho no perfil dos grupos envolvidos no caso. A série foi exibida no período de 13 a 15 de maio de 2008. O material foi gravado pela própria autora.

4 Os marcos memoráveis: entre riqueza e decadência

Tomando a memória nacional como lugar de coexistência das memórias coletivas e comemorativas (BARBOSA, 2007), tem-se o período da borracha como marco insistentemente repetido e cristalizado do sucesso de uma época. É quando a Amazônia de fato se faz existir para o Brasil e para o mundo (VELHO, 2009). O discurso silencia a exploração do homem, que Márcio Souza (2001) reivindica na releitura da história local. As marcas do silêncio nos dizem de um modo de ver que se faz frequente no discurso jornalístico. Este vai se reafirmando como o lugar onde a construção da memória ~~memorável~~ oficial do país se faz de maneira significativa. Os sentidos são reafirmados por autores diferentes em situações específicas e em anos distintos.

O período de produção da borracha será a marca visível do desenvolvimento e do avanço da região, tendo como face obscura o esquecimento, o empobrecimento, a exploração e as desigualdades consolidadas na região. Essa é a nova fronteira que surge para o Brasil e para o mundo. São os viajantes do século XIX que confirmam e detalham à Europa a existência e os potenciais da borracha, há muito utilizada pelos índios e pelos portugueses na região na fabricação de botas e garrafas. Tais informações foram fundamentais diante da alta taxa de demanda internacional do produto. Coincidentemente, nesse momento, o nordeste brasileiro vive uma de suas piores secas entre 1877 e 1879.

Começa a retirada em direção à Amazônia. São os cearenses que vão servir de mão de obra nos seringais, mas são os coronéis da borracha que enriquecem. “Mas essa contradição nunca preocupou ninguém. A face oficial do látex era a paisagem urbana, a capital coruscante de luz elétrica, a fortuna de Manaus e Belém, onde imensas somas de dinheiro corriam livremente.” (SOUZA, 2001, p. 182). Na memória coletiva é o período da *Belle Époque*. É o *boom* da borracha, quando a região ganha destaque no cenário nacional e internacional. Otávio Velho (2009, p. 182) escreve: “A não ser como mito e no curto período do auge da borracha, o Brasil e o mundo viveram quase como se a Amazônia não existisse. As estatísticas ‘naturais’[...] eram parte essencial da crença no Brasil como o ‘país do futuro’”. A Amazônia passa a existir como fronteira econômica importante e assim se constitui para a memória nacional oficial.

O repórter Alberto Gaspar, em *Amazônia urbana*, exalta em um primeiro momento: “A borracha abriu o caminho até a Amazônia mais profunda. Povooou a região... Até o começo do século XX, a extração da borracha construiu fortunas. Fez crescer e embelezou cidades”.

Na memória nacional foi o *boom* do crescimento econômico da região que deixou um rastro de decadência para a capital paraense, conforme temos na reportagem de Alberto Gaspar, quando afirma sobre Belém: “Ela nunca se recuperou direito do fim do ciclo da borracha”. E mais enfático ainda: “A extração da borracha construiu fortunas. Fez crescer e embelezou cidades. Mas ela se deslocou para a Ásia com as plantações intensivas dos ingleses. A Amazônia ficou um pouco órfã. A floresta começou a ser derrubada”.

Passado, presente e futuro são ordenados no texto como pobreza (antes); crescimento, beleza e fortuna (durante) e orfandade e devastação (depois). Assim, a imagem de Belém como decadente e abandonada vem sendo perpetuada na memória nacional enquanto formação ideológica. Surge no texto como “polícia discursiva” (FOUCAULT, 2006), trazendo saberes e poderes acumulados que atravessam o discurso fazendo construções memoráveis.

A relação da Amazônia com o fracasso também foi observada em outros textos analisados. A ideia de falência e abandono aparece nas tentativas frustradas de crescimento da região. Na série *Amazônia urbana* isso pode ser constatado em vários momentos. Quando narra a história da cidade de Fordlândia, no Pará, Alberto Gaspar começa assim: “Às margens do rio Tapajós, ruínas de um sonho [pausa] americano” (Figura 3).

Figura 3 – Fordlândia, um ‘sonho americano’



Fonte: Rede Globo – Jornal Nacional (exibido em 22/07/2010). Gravado pela autora.

O repórter refere-se à tentativa do americano Henry Ford de retomar a produção de borracha na Amazônia para fugir do monopólio dos ingleses. As imagens mostram prédios

abandonados, uma parede com a pintura descascada onde se lê “welcome the...” (apagado) – o resto é incompreensível –, maquinário abandonado em preto e branco, casas vazias, fachadas. Em seguida o repórter conversa com uma professora:

Repórter Alberto Gaspar: “Isso aqui não virou nada, né? Porque...”

Professora Maria Raimunda: “Não virou nada.”

Repórter: “É como se fosse um museu do fracasso.”

Professora: “Museu do fracasso.”

Ao repórter cabem as observações conclusivas mais importantes. A fala da professora serve tão somente para confirmar o que o jornalista anuncia. O “outro” aqui é desbotado. O diálogo explicita as impressões preconcebidas do repórter. Michel de Certeau (2010, p. 9) argumenta que toda escrita é colonizadora, porque visa à “[...] colonização do corpo pelo discurso do poder.”. A proposta de Certeau é estudar a escrita como prática histórica, analisando a relação do discurso com o real.

Ao reforçar a ideia de fracasso, o repórter, assim como os forasteiros, também não tem interesse em observar com mais atenção a vida dos lugares por onde passa. Vai apenas nomeando, classificando. Não busca saber o que aconteceu com as pessoas envolvidas no projeto. O que elas fazem hoje? Que caminhos seguiram? Onde moram? Para o repórter, Fordlândia é igual a fracasso e isso é preponderante.

A rodovia Transamazônica, um projeto do governo militar, é citada, em *Amazônia urbana*, como um projeto ambicioso, tanto quanto a “aventura de Henry Ford”, que não foi concluído. Assim, o repórter Alberto Gaspar constata: “A Transamazônica deveria chegar até Benjamin Constant na fronteira com o Peru. Nesse trajeto deve ter mudado a vida de Lábrea. Certo? Errado”. Compartilha com o telespectador o absurdo da situação. E prossegue em uma passagem de vídeo:

O rio ainda é o principal caminho pra chegar ou sair de Lábrea. Sete dias de navegação até Manaus. Isso apesar da cidade estar junto a uma das principais rodovias brasileiras: BR-230 – Transamazônica –, que na verdade termina bem no centro da cidade, onde se formou essa espécie de pracinha, com uma lanchonete, uma casa de jogos eletrônicos, um cybercafé e mais essas duas aqui, ó, bem no caminho da rodovia. [Plano médio do repórter. Casas ao fundo. Câmera sai do repórter e mostra rodovia. Crianças correndo em primeiro plano. Câmera vai mostrando o que ele fala] (repórter Alberto Gaspar, série *Amazônia urbana*).

Ao final do texto acima, o repórter entra em uma das lojas que estão no caminho da rodovia e conversa com a dona, Zilda Bandeira. O clima é de ironia:

Repórter Alberto Gaspar: “Será que num vai passar a estrada bem no meio da sua loja não?” (interna – loja, plano médio. Bolsas em prateleiras ao fundo).

Lojista Zilda Bandeira: “Ai, será? Eu acho que não.”

Repórter: “Acha que não?”

Lojista: “Não.”

Repórter: “Acha que ela num continua não, né?”

Lojista: “Não.”

E ao deixar Lábrea, observa: “Na Transamazônica que existe a partir de Lábrea, levamos algumas horas para rodar pouco mais de cem quilômetros”. O repórter Marcelo Canellas também constata, ao percorrer os caminhos que levam à Terra do Meio⁸: “De Altamira a Marabá são 550 km de poeira e solavancos pela Transamazônica”. Os dois repórteres observam desmatamento, queimadas, ameaças à floresta dos dois lados da rodovia.

Gaspar é enfático: “Milhares de quilômetros cortando a floresta”. E às margens da estrada aponta “vários projetos de cidades que ficaram pelo caminho” (Figura 4).

Figura 4 – “As cidades que ficaram pelo caminho”



Fonte: Rede Globo – Jornal Nacional (exibido em 22/07/2010). Gravado pela autora.

⁸ A série *Brasil invisível – Terra do Meio* foi exibida em dezembro de 2007 pelo Bom Dia Brasil. Os repórteres Marcelo Canellas e Luiz Quilião percorreram durante mais de duas semanas a região da Terra do Meio, no Pará. Rede Globo. Bom dia Brasil: série ‘Terra do meio, Brasil invisível’ (2007). Disponível em <http://redeglobo.globo.com/videos/t/jornalismo/v/bom-dia-brasil-serie-terra-do-meio-brasil-invisivel-2007/3781151/>. Acesso em abr. 2008.

A câmera, fechada em bola, abre e mostra casas ao fundo. O gramado é enquadrado em primeiro plano. As casas à beira da rodovia são para o repórter projetos de cidade abandonados. Não entra para conhecer e saber de quem mora ali. Não percebe ali um modo de vida específico. Sua preocupação é com a taxonomia.

5 Região e fronteira como lugares simbólicos

Nas narrativas analisadas, a Amazônia é constituída como uma região diferenciada, como se a floresta fizesse sombra sobre toda a Região Norte. Na maioria das reportagens analisadas aparece a palavra “Amazônia”. Assim, em *Terra do Meio*, de Marcelo Canellas (de 2007), ouvimos, na primeira matéria da série: “As mazelas e as riquezas da Amazônia como você nunca viu”. E na segunda reportagem: “Um lugar de nome estranho: Terra do Meio. Fica no Pará... Hoje você vai conhecer os ribeirinhos. Cerca de 300 famílias que vivem na Floresta Amazônica. São brasileiros de um Brasil invisível”.

A invisibilidade e o anonimato das populações locais serão recorrentes nas reportagens seriadas. Em *Amazônia S/A*⁹ temos na abertura do primeiro episódio: “Nós viajamos mais de 10 mil quilômetros por água, terra e ar pra tentar revelar uma sociedade que continua anônima para o Brasil”. Tem-se aqui, claramente, o discurso do centro que irrompe e se oferta como Brasil e instaura o lugar da Amazônia como periferia, o “outro” da colonialidade.

Em *Amazônia urbana* temos: “O Jornal Nacional convida você a assistir a partir de hoje uma série de reportagens com um olhar diferente sobre a Amazônia. Os repórteres Alberto Gaspar e Laércio Domingues vão mostrar como é a vida dos brasileiros que moram em cidades erguidas no meio da floresta”. Os jornalistas destacam a necessidade de proteger a fronteira amazônica enfatizando as medidas anunciadas pelo governo para “pacificar a região”: a criação de novos postos militares e o desarmamento. A história da disputa de terra na Raposa Serra do Sol é investigada pelo repórter, mostrada com destaque e exibida com exclusividade (Figura 5): “Você vai ver imagens inéditas de uma visita do Marechal Rondon à região”.

⁹ Série exibida pelo programa Fantástico em 2015. Pindorama Filmes. *Amazônia S/A* (Sociedade Anônima) – Episódio 1. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=b9Tko_q_QGM. Acesso em nov. 2016.

Figura 5 – Marechal Cândido Rondon em visita à Raposa Serra do Sol



Fonte: Rede Globo – Jornal da Globo (exibido em 14/05/2008, gravado pela autora)

As imagens, cedidas pelo Museu do Índio à Rede Globo, são tomadas como exclusivas. O general, militar, “[...] verifica pessoalmente os marcos estabelecidos. Rondon recebeu a missão de inspecionar as condições da vida e segurança das fronteiras brasileiras”, diz o repórter. O general é mostrado em ação entre os índios na primeira metade do século passado. A narrativa mostra as riquezas da região, a cobiça, a exploração dos recursos minerais pelos próprios índios e a vulnerabilidade da fronteira. A situação de conflito põe em pauta nacional a discussão sobre o futuro da Amazônia, por isso o repórter questiona: “O julgamento até poderá decidir o caso de Roraima, mas não resolve uma questão ainda maior. O que queremos fazer com a Amazônia? Como queremos tratar nossos índios?”.

Amazônia e índios são abordados como questões nacionais, nas quais o repórter se inclui ao usar a palavra “nossos”, ainda sem solução. Os índios são situados no centro da disputa como os responsáveis pelo conflito, e como são “incapazes”, de acordo com a Constituição brasileira, é preciso decidir o que fazer com eles. São propriedade do Brasil: “nossos índios”. Os demais atores sociais envolvidos na disputa não são de propriedade coletiva: não se diz “nossos arroteiros”, “nossos grileiros”, “nossos madeireiros”.

“A missão de incorporar terras, defender fronteiras, preservar riquezas é constitutiva da mística da penetração na Amazônia [...]” (CARDOSO; MULLER, 2008, p. 3). No governo militar esse discurso é disseminado com a justificativa da valorização do homem e

da integração nacional. O jornalismo torna-se o porta-voz do discurso da unidade nacional acima dos interesses das populações locais. É o centro quem deve decidir, é o Governo Federal, é o Supremo Tribunal Federal. Ao repórter que vem de fora, é perfeitamente cabível perguntar: “Como queremos tratar nossos índios?”. Será que não é hora de perguntar como os índios querem ser tratados, invertendo o discurso?

A sequência de perguntas continua, mas desta vez entra em cena o discurso do desenvolvimento sustentável e as questões são outras. Agora é o repórter Alberto Gaspar, da série *Amazônia urbana* (de 2010), quem pergunta. “Será que a nossa Amazônia ainda vai exportar ideias para as cidades do futuro?”; nesse momento a série referia-se aos exemplos de associação entre floresta e desenvolvimento, como os exemplos do artesão das biojoias, a escola da floresta ou a dona de madeireira que trabalha com o conceito de sustentabilidade.

A Amazônia continua sendo “nossa”, observado o texto do repórter, mas é ela que tem de dar o exemplo com ações de preservação da floresta. A questão não é prioritária nem se cobra agilidade do governo para apresentar soluções rápidas, como se viu na *Raposa Serra do Sol*. Aqui paira a dúvida sobre a capacidade da Amazônia, sozinha, de gerar conhecimentos e bons exemplos para o mundo. Interessante pensar a oscilação do discurso que representa a Amazônia ora como brasileira, nossa, ora como patrimônio mundial, ora como “outro mundo”.

6 Considerações finais

Neste artigo, refletimos sobre a Amazônia no contexto regional e nacional, tendo como base os “acontecimentos discursivos” das séries televisivas no contexto da nacionalidade. Esta foi identificada na representação dos lugares, nos projetos e na reatualização da herança portuguesa. A exaltação da colonização portuguesa como marco de identificação da nação brasileira se confirma na produção telejornalística analisada.

A subalternidade indígena é ratificada no presente do texto, como passado a ser retomado na produção noticiosa. A Amazônia segue, enquanto discurso, como o equilíbrio entre floresta e passado colonial preservado. Os sujeitos locais são a face obscura desse discurso, que tem no filósofo reconhecido a representação do saber civilizado, enaltecido em oposição ao saber das populações locais apagadas.

A região é apresentada como negócio em permanente tensão com a exploração dos recursos, nas reportagens mais recentes, como *Amazônia S/A*. Numa das entrevistas da

série, um especialista diz: “Não sei se a floresta é o pulmão do mundo, mas com certeza ela é o coração do Brasil”. A floresta é ofertada enquanto órgão vital, pulsante, emocional para a nação. Os textos expõem as ambivalências entre o desmatamento e as capacidades inatas da floresta com relação à riqueza de sua biodiversidade, contradição entre o subdesenvolvimento da Amazônia e suas possibilidade de investimento para o futuro.

O telejornalismo analisado aqui é tecido, enquanto narrativa, a partir de discursos hegemônicos que conformam a Amazônia a periferia do Brasil. A cultura brasileira, para os repórteres das séries exibidas em rede nacional, ainda está centrada no Sudeste do Brasil, a partir de onde olham para a Amazônia. Faz-se urgente e necessário inverter esse olhar, mirar daqui para lá: das entranhas da Amazônia, do cotidiano dos sujeitos, de suas experiências e vivacidades, tão apagadas nesses discursos que observamos. Falta dialogar com as populações amazônicas, escutar suas vozes, atentar para seus saberes e sua beleza, deixar em segundo plano a narrativa que sempre busca um novo olhar apostando no velho e repetido discurso eurocêntrico.

Financiamento

Fidesa – Fundação Instituto para o Desenvolvimento da Amazônia.

Referências

AMARAL FILHO, Otacílio. **Marca Amazônia**: o marketing da floresta. Curitiba: CRV, 2016.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARBOSA, Marialva. **Percursos do olhar**: comunicação, narrativa e memória. Niterói: EDUFF, 2007.

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**: ensaios críticos III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BECKER, Bertha K. **Amazônia**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998. 112p. (Série Princípios).

BENETTI, Márcia. Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. 286p. parte II, cap. 1, p. 107-122.

CAMPBELL, Richard. **60 minutes and the news: a mythology for middle America**. Urbana: University. of Illinois Press, 1991. (Illinois Studies in Communications).

CARDOSO, Fernando Henrique; MULLER, Geraldo. **Amazônia: expansão do capitalismo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da "invenção do outro". In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires, CLACSO, 2005)

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

COSTA, Vânia Maria Torres; COSTA, Alda; AMORIM, Célia. A televisão e a polinarrativa do jornalismo audiovisual. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana Quattrin (org.). **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas epistemológicas**. Santa Cruz do Sul: Catarse: 2017. p. 264-277.

COSTA, Vânia Maria Torres. Quando a imagem fala e o texto grita: reflexões sobre modos de narrar no jornalismo televisivo. **Cultura midiática**, João Pessoa, v. 8, n. 2, jul./dez 2015
FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 13. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 4. ed. Campinas: Papirus, 2001.

JORNAL NACIONAL. **Caravana JN**. Rio de Janeiro, Editora Globo, 2007. DVD duplo.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac São Paulo, 2000.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Vão surgindo sentidos. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli (org.). **Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional**. Campinas: Pontes, 1993. 171p. p. 11-25.

QUIJANO, Aníbal. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 55, set./dez. 2005.

RIBEIRO, Nelson de Figueiredo. **A questão geopolítica da Amazônia: da soberania difusa à soberania restrita**. Brasília: Senado Federal, 2005.

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 343-389.

SOUZA, Márcio. **Breve história da Amazônia: a incrível história de uma região ameaçada conta com o apaixonado conhecimento de causa de um nativo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2001.

SOUZA, Márcio. **A literatura na Amazônia**: as letras na pátria dos mitos. **Poligramas**, Cali, n. 29, p. 9-26, jun. 2008.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

VELHO, Otávio Guilherme. **Capitalismo autoritário e campesinato**: um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento. 2.ed. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.

“Our” daily Amazon in Brazilian television journalism

Abstract

This paper examines mainstream Brazilian journalistic constructs of the Amazon rainforest region in Brazil, considered as a geographic and especially as a political space situated in the Brazilian territory. Using Michel Foucault’s notion of “discursive events”, we seek ways to analyze television image and sound, as such an analysis would show us how that “region” is enunciated and how it’s assigned different meanings. We are interested in observing in which kinds of discourse and in which contexts it is cut and its cuts are selected to be broadcast on Brazilian national television from the Southeast of Brazil, center of television journalism production in the country.. The corpus of analysis consists of special series of news reports from Rede Globo TV journalism, from 2006 to 2016. Through the concept of polynarrative, we observe how moving image, text and sound are combined in these reports to represent the Amazon rainforest region as a kind of national property, and how it is framed into discussion as a matter of national sovereignty. Throughout the reports, the region is characterized as an object of the coloniality of national discourse, which favors a certain look towards the country’s periphery, as a land both exotic and failed, a land that must be seized, materially and symbolically, by the political, economic and cultural center of the nation, depicted as fit to “support” it in its fragilities.

Keywords

Amazon. Journalism. Television. Discourse. Region.

Autora correspondente

Vânia Maria Torres Costa
vaniatorrescosta@gmail.com

Como citar

COSTA, Vânia Maria Torres. A Amazônia “nossa” de cada dia no jornalismo de televisão. **Intexto**, Porto Alegre, n. 52, e-91822, jan./dez. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583202152.91822>

Recebido em 12/04/2019

Aceito em 12/02/2020

Copyright (c) 2021 Vânia Maria Torres Costa. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

